

Cuba Insurgente: A Mescla De Sonhos E Conflitos Dos Povos “Sem História”

Insurgent Cuba: The Mixture Of Dreams And Conflicts Of The People
“Without History”

Cuba Insurgente: La Mezcla De Sueños Y Conflictos De Los Pueblos “Sin
Historia”

Maria do Carmo Luiz Caldas Leite¹

Resumo: O percurso metodológico do presente artigo é vinculado à trajetória de pesquisas realizadas em Cuba, com aproximação ao materialismo dialético. O processo histórico, fez com que concorressem à consolidação da *cubanía* três correntes fundadoras: a dos indígenas, dizimados em razão dos maus tratos e da perda do interesse pela sobrevivência, a dos colonizadores espanhóis e a dos homens africanos escravizados. Uma profunda tarefa de séculos, caracterizada por mesclas de sangues, coagulou a identidade cubana formada por retalhos de diferentes origens e condições sociais. O artigo busca discutir se em Cuba, por um lado, ocorreu um processo de “solidariedade cultural” no lugar da “homogeneização das diferenças” ou, por outro, se o tempo cristalizou um esquecimento, não ingênuo, na ligadura classes-etnias ao longo da formação da nacionalidade.

Palavras-chave: genocídio indígena; diáspora africana; *cubanía*.

Abstract: The methodological course of this article is linked to the trajectory of research carried out in Cuba, with an approach to dialectical materialism. The historical process made three founding currents compete for the consolidation of *cubanía*: that of the indigenous peoples, decimated due to mistreatment and the loss of interest in survival, that of the Spanish colonizers and that of enslaved African men. A profound task spanning centuries, characterized by blood mixtures, coagulated the Cuban identity formed by patches of different origins and social conditions. The article seeks to discuss whether in Cuba, on the one hand, there was a process of “cultural solidarity” in place of the “homogenization of differences” or, on the other hand, if time crystallized a non-naive forgetfulness in the class-ethnic linkage over the long term. of the formation of nationality.

Keywords: indigenous genocide; african diaspora; *cubanía*.

¹ Doutora e mestre em Educação pela UNISANTOS. Licenciada e Bacharel em Física pela PUC SP. Vice-líder do Grupo de Pesquisas Políticas Públicas em Educação: Trabalho e Formação (Certificado no Diretório do CNPq). Contato: marialcl@unisantos.br

Resumen: El recorrido metodológico de este artículo está ligado a la trayectoria de investigaciones realizadas en Cuba, con un acercamiento al materialismo dialéctico. El proceso histórico hizo competir por la consolidación de la cubanía a tres corrientes fundacionales: la de los pueblos indígenas, diezmados por el maltrato y la pérdida del interés por la supervivencia, la de los colonizadores españoles y la de los hombres africanos esclavizados. Una profunda tarea de siglos, caracterizada por mestizajes, coaguló la identidad cubana formada por parches de diversa procedencia y condición social. El artículo busca discutir si en Cuba, por un lado, hubo un proceso de “solidaridad cultural” en lugar de la “homogeneización de las diferencias” o, por otro lado, si el tiempo cristalizó un olvido no ingenuo en la unión clase- étnica al largo de la formación de la nacionalidad.

Palabras clave: genocidio indígena; diáspora africana; cubanía.

Introdução

A discussão desenvolvida no presente artigo está fincada em uma retrospectiva dos dilemas e das tensões presentes nas diversas etapas de lutas nos períodos colonial e neocolonial em Cuba, com seus aportes históricos, e na consolidação da nacionalidade, em que as raízes da *cubanidad*² foram materializadas. No escopo desta pesquisa, apresentam-se aspectos do tensionamento entre a invasão estrangeira e as insurgências contra o genocídio sistemático dos povos indígenas, no século XVI, e contra o sequestro dos povos africanos, que desencadearam um processo violento: a escravidão e o saque dos recursos naturais nas Américas. Certamente, não foi com a chegada dos colonizadores e com a prática escravagista, que ocorreu o início da história dos povos nativos americanos e africanos, mas estes fatos marcaram a cisão que mudou o curso de povos explorados em função dos interesses das potências europeias, em concomitância com a amarga e extensa rivalidade em torno das possessões coloniais.

Na perspectiva da autora do presente estudo, por meio de consultas bibliográficas e documentais, assim como por um extenso trabalho de campo realizado em Cuba nas últimas quatro décadas, foi possível inferir a presença de estereótipos negativos, uma espécie de comportamentos estigmatizados nas experiências cotidianas, gerando um círculo vicioso de reprodução dos preconceitos, que apresentam notável capacidade de sobreviver no tempo e reaparecer sob condições propícias. Em meio ao enredamento desses processos, é necessário

² Toda a bibliografia citada, escrita em espanhol, tem tradução livre realizada pelo autor deste texto, exceto em alguns casos nos quais considerou-se que a tradução acarretaria perdas significativas na força de expressão própria do idioma espanhol.

reconhecer, nos alicerces da *cubanidad*, os anseios próprios entre a população para entrelaçar a trajetória pessoal com a trama histórica do país, a qual oscila, de uma forma periódica, entre o passado de lutas, o presente marcado por dificuldades e os interrogantes do futuro.

A História de Cuba, como a de toda a América Latina, não é uma história de primeiro mundo; é uma história de sua periferia. Os estudos da sociedade cubana, formada por retalhos de diferentes culturas, origens e condições sociais, mostram a acumulação de riquezas da oligarquia submissa aos signos da aristocracia ibérica. Os nativos foram utilizados em trabalhos rudes, enquanto a Espanha transitava por um regime feudal, introduzindo em Cuba a propriedade privada. Em meio às insurgências, a construção do contexto societário cubano aponta a revolução agrícola, que conduziu o país à posição de maior produtor mundial de açúcar. A forma inicial com que se viabilizaram as relações entre exploradores e explorados foi o sistema denominado *encomienda*. Aos conquistadores se concedia um grupo de indígenas, os quais eram submetidos à tutela dos espanhóis, que deveriam proteger os aborígenes, dar-lhes instrução e exigir determinados trabalhos. “A história demonstrou que os espanhóis cobraram todos os seus direitos e cumpriram poucas obrigações”³.

Como apontam muitos historiadores, os mais antigos restos humanos encontrados em Cuba, datam de 3160 a. C. Na Ilha, quando do desembarque dos espanhóis havia um total aproximado de 100 mil indígenas e, após 50 anos, não passavam de 5 mil, dizimados em razão dos maus tratos, do contágio e da perda do interesse pela sobrevivência. À destruição do sistema produtivo e à perda do regime alimentar tradicional dos nativos, há que adicionar-se as devastadoras epidemias provenientes da Europa, acompanhadas de inúmeras patologias oriundas da África. A saga espanhola fez submergir a historicidade dos povos originários, que enfrentaram uma guerra biológica e não tiveram tempo para adquirir resistência a ela. Os taínos, nativos que Colombo encontrou em terras cubanas, eram do grupo *Arahuaco* ou *Arawak*. Os araucanos eram provenientes da América do Sul, especificamente da foz do rio Orinoco, na atual Venezuela. Habitantes da Ilha⁴, desde o ano 800 a.C., os indígenas trataram os espanhóis com hospitalidade, justamente associada ao termo *taíno*, que significa bom ou nobre, chegando a estabelecer acordos com os castelhanos para combater inimigos comuns.

³ BUENAVILLA RECIO, Rolando *et al.* **La lucha del pueblo por una escuela cubana, democrática y progresista en la República Mediatizada**. La Habana: Pueblo y Educación, 1995, p. 2.

⁴ Ainda que sejam usuais às referências a Cuba como uma ilha, na realidade trata-se de um arquipélago formado pela ilha principal de Cuba, a Ilha da Juventude e várias ilhas menores.

Alguns registros históricos narram que, após a chegada dos europeus ao Caribe, o povo nativo foi inteiramente aniquilado pela escravidão, fome e enfermidades. Efetivamente, em países como Cuba, Haiti, República Dominicana e Jamaica, uma grande parte da população indígena morreu em meio século, vitimados pela crueldade dos colonizadores. No entanto, a vida de resistências não terminou aí. A sobrevivência dos taínos é uma história de insurgências.

Com a carência de mão de obra indígena, o tráfico e a escravidão de homens africanos fizeram parte da ideologia das elites de Cuba e da metrópole em direção à Ilha, segundo os mais variados interesses. A opressão racial e o modelo escravista, de acordo com o padrão atrasado imposto pelo sistema comercial espanhol, dificultaram a capacidade da oligarquia de *criollos*⁵ de adaptar-se ao sistema capitalista e, conseqüentemente, ao avanço da industrialização e à mão de obra assalariada. Mais de um milhão de africanos de etnias diversas, com suas culturas destroçadas, foram transplantados nas correntezas humanas, que chegaram à Ilha.

A desculturação, como matriz do poder hegemônico desde a conquista da América pelos europeus, está baseada no racismo e na exclusão dos povos incapazes de suportar as cruéis instituições feudais, que os conquistadores tentaram impor, fazendo-os saltar, sem transição, séculos através da história. Contudo, a violência dos conquistadores não impediu as marcas dos autóctones na cultura e no caráter dos cubanos.

A “guerra *buena*” contra os povos originários

Antes da conquista espanhola, os sistemas ecológicos das grandes ilhas do Caribe, com suas abundantes colheitas e profusão de peixes, juntamente com populações compactas e estáveis, favoreceram o desenvolvimento de uma estrutura política e social evoluída entre os povos nativos. Uma cúpula de chefes hereditários governava três outras castas, sendo a mais baixa composta por escravos. Nesta sociedade de organização matrilinear, a sucessão se estabelecia pela linha materna. A religião apresentava uma hierarquia de divindades paralela à estrutura social.

Os principais fatores de risco para o acentuado número de suicídios dos indígenas foram a desintegração familiar e falta de sentido para a vida. Há várias versões sobre a origem

⁵ A palavra *criollo*, em espanhol, significa pessoa nascida na América, filha de pais europeus, radicalmente distinto do termo “crioulo”, em uso no Brasil atual, para designar um indivíduo negro ou mestiço.

do termo *yumurí*. A presença dos colonizadores em um vale habitado por taínos, na zona de Matanzas (Cuba), deu origem à lenda que perdura por séculos, segundo a qual, esta palavra era o grito que os indígenas emitiam ao se jogarem dos penhascos, porque preferiram suicidar-se a tolerar os maus-tratos. De acordo com a narrativa, de pé sobre uma rocha, antes de se lançarem no abismo, eles pronunciavam a palavra *yumurí*, imitando o espanhol que ouviam, para que o motivo de suas mortes ficasse claro aos inimigos.

Os grupos araucanos da América do Sul resistiram melhor ao contato europeu, porque seus grupos eram menores e mais dispersos. Sua estrutura social também era matrilinear, mas menos complexa. Os arawaks do continente negociaram com os holandeses e os ingleses, durante os séculos XVII e XVIII, porque evoluíram para a agricultura de plantação⁶.

O enriquecimento dos colonizadores em Cuba apoiou-se na submissão imposta aos nativos, interrompendo o processo autônomo das comunidades indígenas e implantando um regime de servidão. Na América do século XVI, os espanhóis já aplicaram o princípio da ‘guerra *buena*’ contra os naturais, acusados ora de canibalismo, ora de sodomia. Segundo Rodríguez Rivera⁷, “a Espanha que chegou à América é uma Espanha ainda sem abandonar a Idade Média, que haveria de prolongar-se nela”. Na raiz desses fatos, Castro Ruz afirma:

O que me assombra é que haja tantos no mundo, sobretudo em nossos países, que sigam utilizando o termo “descobrimento” para aludir ao feito histórico de 12 de outubro. Desde nossa perspectiva americana nunca poderemos aceitar que se fale com, implícito menosprezo, ao descobrimento de culturas que em muitos casos já haviam alcançado um desenvolvimento brilhante. As pessoas se esquecem, por exemplo, que Tenochtitlán era possivelmente a cidade mais populosa de sua época em todo o mundo, incluída a Europa, e que o império incaico era uma das organizações estatais mais elaboradas de seu tempo. Porém, ainda que, concedendo a Colombo o mérito de haver mudado com suas viagens a consciência de seu mundo, se de descobrimento se trata, há que ser falado, então, que americanos e europeus descobrimo-nos mutuamente. Sobretudo se descobriu a violência e a crueldade dos conquistadores europeus.⁸

Numerosos grupos étnicos habitavam uma extensa área entre a atual Flórida, as Antilhas e a zona costeira da América do Sul. As línguas da família araucana espalharam-se por uma área extensa entre a Amazônia, as costas dos EUA e as ilhas do Caribe. Na época dos primeiros contatos com os europeus, a língua Arawak representava a maior família linguística dos nativos que Cristóvão Colombo encontrou na América em sua primeira viagem. Os espanhóis descreveram os taínos encontrados em Cuba como pessoas pacíficas e amigáveis, diferentes

⁶ ROURA ÁLVAREZ, Lisette et al. **Indios de La Habana**. La Habana: Ciencias Sociales, 2017

⁷ RODRÍGUEZ RIVERA, Guillermo. **Por el camino del mar**. La Habana: Boloña, 2006, p. 24.

⁸ CASTRO RUZ, Fidel. **Un grano de maíz**. Conversación con Tomás Borge. La Habana: Oficina del Consejo de Estado, 1992. p. 101.

dos grupos hostis e antropófagos presentes em outras regiões próximas. Por longos meses, os indígenas do território cubano acolheram e cuidaram de três espanhóis náufragos, entre eles Núñez Sedeño e Mejías García, entregando-os a Pánfilo de Narváez e a Frei Bartolomé de las Casas, quando estes chegaram à Ilha em 1512⁹.

De acordo com Barnet¹⁰, durante a colonização de Cuba, os europeus não apenas aprenderam com os aborígenes o uso de plantas como alimento e para fins de cura, mas também utilizaram conhecimento geográfico dos naturais caribenhos em suas expedições e na seleção dos lugares onde as primeiras vilas seriam fundadas. O lado irônico é que os europeus iniciaram a propagação da imagem selvagem e primitiva dos nativos, quando na realidade os colonizadores aproveitaram os saberes da flora e da fauna, que haviam acumulado os aborígenes, à exploração colonial no chamado “Novo Mundo”. Pelo açúcar, que adoçava o café, na magia da fermentação, surgiu a aguardente cubana, o rum. Na esfera espiritual, a *cubanidad* deve aos povos originários a cultura associada ao tabaco em rituais das religiões afro-cubanas. Os “puros” sempre usufruíram de tradição nas lendas oriundas da *indigenidad*. O nome *Cuaba* origina-se de um arbusto autóctone da Ilha, de excelente combustão, que ainda hoje cresce no país. Sua madeira era utilizada pelos taínos para acender as folhas de tabaco enroladas. Quando o fogo pegava, os indígenas gritavam que queimavam como uma *cuaba*.

Os espanhóis, desde sua chegada a Cuba, adotaram palavras do idioma dos taínos, como *hurricane* e *barbecue*¹¹, que inclusive migraram para os idiomas inglês e português. Colombo quis que a Ilha fosse denominada Juana, e mais tarde, por decreto real, deram-lhe o nome de Fernandina. Enquanto os colonizadores espanhóis mudaram a designação aborígene de quase todas as terras conquistadas no Caribe, a “grande terra, bem semeada” – que significa Cuba – conservou bravamente o seu nome.

A presença dos europeus significou um choque abrupto nas culturas nativas. Os habitantes originais, em situação de desenvolvimento material inferior, foram rapidamente subalternizados e, com eles, sua linguagem. No entanto, vários fatores contribuíram para a preservação da língua arauca: primeiro, a falta de termos para nomear elementos da flora,

⁹ ORAMAS CAMERO, Ángela. **Los primeros europeos vecinos de La Habana**. Disponível em: <https://www.cubaperiodistas.cu/index.php/2018/07/los-primeros-europeos-vecinos-de-la-habana/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

¹⁰ BARNET, Miguel. **Biografía de un cimarrón**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1977.

¹¹ A palavra furacão tem origem em *hurricane*. O termo *barbecue* designa uma *parrillada* de carne assada, provavelmente, a razão dos cubanos chamarem de *barbacoa* os cômodos das casas com pouca ventilação.

fauna ou toponímia local, registrados por cronistas e viajantes em inúmeros documentos escritos. Em segundo lugar, o tempo decorrido entre a chegada aos territórios insulares e o início da ocupação do continente permitiu que muitos desses termos se estabilizassem na comunicação entre colonizadores e colonizados. E, por fim, os processos de miscigenação entre grupos humanos que deram origem aos universos linguísticos, tornando-se portadores vivos e replicadores dessas ambivalências. Se os descobridores tinham o trabalho de nomear as localidades, em Cuba esta tarefa foi simplificada. O idioma nacional, o castelhano, conserva cerca de quatrocentas palavras extraídas das vozes taínas, onde se sobressaem os topônimos: Cumanayagua, Jagüey, Güines e Cabaiguán, entre muitos outros.

A espada e a cruz enfrentaram-se em poucas ocasiões e a evangelização forçada foi combatida por alguns padres missionários católicos, mas as lutas em defesa dos nativos contra a ganância, não puderam impedir a diminuição vertical das populações indígenas.

Todas vós estais em pecado mortal. Nele viveis e nele morrereis, devido à crueldade e tiranias que usais com esta gente inocente. Dizei-me, com que direito e baseados em que justiça, mantendes em tão cruel e horrível servidão os índios? Com que autoridade fizestes estas detestáveis guerras a estes povos que estavam em suas terras mansas, pacíficas e tão numerosas e os consumistes com mortes e destruições inauditas? Como os tendes tão oprimidos e fatigados, sem dar-lhes de comer e curá-los em suas enfermidades? Os excessivos trabalhos que lhes impondes, os fazem morrer, ou melhor dizendo, vós os matais para poder arrancar e adquirir ouro a cada dia. Não são eles acaso homens? Não têm almas racionais? Vós não sois obrigados a amá-los como a vós mesmos?¹².

A cruz de Parra, a única que se conserva até hoje das vinte e nove cruzeiras posicionadas por Colombo no “Novo Mundo”, foi colocada, em 10 de dezembro de 1492, nas costas de Cuba. Preservada na paróquia em Baracoa, no oriente da Ilha, esta cruz é considerada a relíquia histórico-religiosa mais antiga e conhecida do encontro das culturas europeia e nativa das Américas. Como salienta Saviani¹³, reportando-se a Marx, pode-se dizer que “para os teólogos, a sua própria religião é considerada obra de Deus, a religião dos demais é obra dos homens, ao passo que para os colonizadores da América, a religião dos índios era obra do demônio”.

De regresso à Espanha, tenho visto as injustiças sofridas pelos indígenas, em 1516, Frei Bartolomé de Las Casas redigiu o que foi o primeiro projeto para as Américas de

¹² Palavras de **Frei António de Montesinos**, pregador dominicano, se distinguiu na defesa dos indígenas. (inscrição do *Palacio de la Real Audiencia* de Santo Domingo – República Dominicana)

¹³ SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007, p. 47.

planificação social e regulação do trabalho, inspirado em critérios socialistas, segundo Ortiz¹⁴. Não obstante esta declaratória, a situação não melhorou e foi agravada por uma epidemia de varíola, que arrasou aproximadamente um terço da população nativa na Ilha no ano de 1519¹⁵.

Em termos gerais, especialmente nas Antilhas, a chegada dos espanhóis implicou um agravamento da situação para os araucanos, pois com as ferozes condições de escravização a que foram submetidos, a população praticamente desapareceu em algumas regiões do Caribe, embora em outros lugares tenha havido um forte processo de miscigenação. A população Arawak das Antilhas diminuiu e no final do século XVI foi quase extinta.

À destruição do sistema produtivo e à perda do regime alimentar tradicional dos nativos, há que adicionar-se a chegada de epidemias devastadoras à Ilha. Os conquistadores provinham de centros populacionais densos, onde a maioria dos seres humanos desde a infância contraía doenças e iam adquirindo resistência contra elas. Os indígenas cubanos não tinham animais domésticos com os quais os europeus dividiam enfermidades de forma cíclica, que quase sempre eram as mesmas. As comunidades de Cuba, de pouca densidade populacional, enfrentaram duas ondas de agentes patogênicos trazidos pelos conquistadores brancos e pelos africanos. De forma sucessiva, ou até simultâneas, sobre os aborígenes recaíram a varíola, o sarampo, a caxumba e um grupo diverso de outras doenças, acompanhadas de febre amarela, malária maligna e inúmeras patologias oriundas da África.

O abraço inextricável entre a África e Cuba

As primeiras vilas, espaços de exploração colonial, foram fundadas em Baracoa (1512), Bayamo (1513), Trinidad (1514), Santiago (1515) e Havana (1519). Por sua situação privilegiada, o porto de Havana era a última escala das viagens de regresso à península espanhola, onde reuniam-se os comboios carregados de metais e outras mercadorias americanas. Desde 1595, ano em que se construíram os primeiros engenhos nos arredores de Havana, se incrementou a introdução de escravizados na Ilha. O genocídio da população nativa acarretou a necessidade de substituí-la pelo cruel traslado de centenas de milhares de seres humanos em navios denominados de negreiros. Os escravizados negros, paulatinamente, assimilaram diversos aspectos culturais dos taínos, incorporando-os aos seus costumes.

¹⁴ ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: Cátedra. 2002

¹⁵ ROURA ÁLVAREZ, Lisette et al. **Indios de La Habana**. La Habana: Ciencias Sociales, 2017, p. 23.

A posição estratégica de Cuba representou significativa vantagem ao antigo império espanhol. Quando a Ilha é observada nos mapas, vislumbra-se o Mar das Caraíbas e, com ele, um universo de abordagens amplamente relatadas na literatura. Na radicalidade dos fluxos diaspóricos, a colonização da América Latina é fruto de um abraço inextricável entre a África e a Península Ibérica. Os negros exerceram todas as tarefas abusivas possíveis até refinadas obras artesanais, alavancando um desenvolvimento material discriminatório. À medida que o açúcar de Cuba foi adentrando aos mercados europeus, os fazendeiros não hesitaram em fomentar suas empresas com modernos critérios econômicos e idiossincrasia *criolla*. “Se com sangue e suor dos negros escravos se construíram as grandes fortunas dos latifúndios, com seu espírito de rebeldia se semeou o caminho da independência”.¹⁶

Segundo Moreno Friginals¹⁷, africanos trazidos a Cuba eram sumamente jovens com idade de quinze a vinte anos. O aumento do tráfico chegou ao seu ponto mais alto no decorrer do século XIX, anos caracterizados pela exploração dos escravos na grande planície Havana-Matanzas, o empório da antiga oligarquia, dada a riqueza de suas terras, o peculiar manto freático e, em particular, a profusão da indústria açucareira. A partir de 1830, teve início a importação massiva de meninos de nove a doze anos para facilitar o adestramento e, logicamente, a maior produtividade. A norma escravista, até meados do século XIX, era de importar uma baixa porcentagem de mulheres. O índice de masculinidade representava aproximadamente 70%, até ser abolido o comércio legal de escravos. As mulheres eram avaliadas como de baixa produtividade, com a única vantagem de incrementar o capital investido mediante a procriação de novos escravos. Porém, a coexistência de homens e mulheres atentava contra a estrutura carcerária das plantações, obrigando a mínima instituição familiar. O índice de mortes por parto era extraordinariamente alto e a mortalidade infantil acentuada significava expor o capital invertido, razões pelas quais, até a década de 1820, os custos da compra de um escravo adulto era inferior ao da criação até que os meninos alcançassem idades próprias para se incorporar a vida produtiva.

No decorrer das primeiras décadas do século XIX, portugueses, espanhóis e holandeses condenaram o tráfico de escravos e concordam com a Grã-Bretanha em suprimi-lo. Mas, embora o comércio fosse proibido, em Cuba, paradoxalmente, a propriedade

¹⁶ BUENAVILLA RECIO, Rolando *et al.* **Historia de la pedagogía en Cuba**. La Habana: Pueblo y Educación, 1995, p. 3.

¹⁷ MORENO FRAGINALS, Manuel. Aportes culturales y deculturación. *In*: PÉREZ, Esther, LUCIRO, Marcel. **Razas y racismo**. La Habana: Editorial Caminos, 2017.

de escravos era reconhecida. Chegou um tempo para os senhores da sacarocracia era lucrativo obrigar mulheres a dar a luz a escravos do que comprar em contrabando. Assim, foram criadas uma espécie de granjas de nascimentos para o benefício dos proprietários dos grandes engenhos.

Os homens arrancados da África Ocidental não aceitavam mansamente a exploração até os limites da resistência humana. A sua forma de luta era a evasão para os *palenques* situados nos montes. “Homens submetidos a leis que não fizeram, ou que, melhor, que fizeram contra eles, não tinham como enfrentar os que sabidamente não poderiam vencer”¹⁸.

Nas palavras de Barnet¹⁹ a violência corporal impregnou na memória do povo não apenas um sentimento de angústia, mas também um elemento marcante na construção da identidade do povo cubano. Em razão do suplício dos açoites, muitos escravos - os *cimarrones* - fugiram para as montanhas e passaram a configurar um grupo de indivíduos deslocados da possibilidade de exercer a cidadania. Em Cuba, onde a escravidão se prolongou após a abolição nas colônias inglesas e francesas, em grandes propriedades rurais, com cerca de quinhentos escravos, foram construídos edifícios de pedra, uma típica edificação carcerária com uma única porta, com todos os elementos cuidadosamente planejados para a vigilância e a incomunicação entre os escravos. Um dos aspectos mais traumáticos da vida nas plantações foi a liquidação da atividade sexual entre homens e mulheres. Vivenda, trajes rústicos e alimentação eram voltados à finalidade produtiva e tratavam de apagar o mundo da cultura africana. Não obstante todos os esforços para aniquilar a ancestralidade cultural, a repressão fez brotar uma comunicação horizontal e subterrânea, como recurso de sobrevivência, que contribuiu para a sincretização das seitas de origem africana.

A produção cubana de açúcar, que tinha como destino principal o mercado estadunidense, superou as 15 mil toneladas em 1792. Desde 1818, a dominação dos EUA buscava enfraquecer o poder espanhol, com a estratégia de obtenção dos meios de compra direta do açúcar, sem a intermediação espanhola. As contradições se agravaram com a expansão do maior complexo agropecuário açucareiro do mundo capitalista – Cuba –, que produzia cerca de um terço do açúcar mundial, sob o interesse do capital norte-americano. Os registros da sociedade produzida pelo açúcar têm interfaces de séculos com profundas marcas

¹⁸ RODRÍGUEZ RIVERA, Guillermo. **Por el camino del mar**. La Habana: Boloña, 2006, p. 30.

¹⁹ BARNET, Miguel. **Biografía de un cimarrón**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1977.

de resiliência na sociedade cubana. Nas propriedades rurais cubanas, os calçados não faziam parte da vestimenta dada às pessoas escravizadas. Havia um decreto francês do século XVIII, que proibia calçar aos negros, porque “os sapatos lhes torturavam os pés”. Ao fugir do cativeiro, imediatamente, muitas usavam sapatos, misturando-se, assim, à multidão de pessoas negras livres. Os anúncios de fuga advertiam: “anda calçado para fingir que é forro”. Entretanto, estas regras eram relativamente relaxadas: escravas domésticas e pajens utilizavam sapatos, mas eram frequentemente punidas com a perda desse privilégio.

O projeto de nação dos abolicionistas cubanos estava baseado na unidade, na contenção dos inimigos internos e externos e na defesa da imigração europeia. Para os reformadores abolicionistas, nos anos de 1830, o branqueamento da população baseava-se tanto na supressão dos negros, a partir da mestiçagem, quanto no aniquilamento da memória da escravidão. O chamamento para a diversidade racial vinculava-se, principalmente, ao receio das revoltas e da perda dos valores de tradição hispânica na Ilha. Nesse mesmo contexto, os defensores da escravidão argumentavam que, por razões caritativas e humanitárias, os africanos, eram “resgatados” em terras tomadas por canibais e conflitos. A elite cubana oscilava entre o temor pela ambição desenvolvida na mente dos escravizados e o desprezo por sua falta. No ano de 1841, a Condessa de Merlin²⁰, cubana residente na Europa, fazendo apologia da escravidão à distância, escreveu:

Suponhamos que os ingleses consigam obter, sem transtornos e sem desordens, a emancipação dos escravos de nossas colônias. Seu primeiro sentimento, sua primeira necessidade, qual será? Não fazer nada. O trabalho lhes é insuportável e só se consegue obrigá-los a trabalhar à força. Um negro indolente e selvagem, desprovido de todo desejo de progresso, de ambição, de dever, preferirá substituir sua vida vagabunda e sensual pelos rigores de um trabalho voluntário e de um sustento adquirido com o suor de sua testa? Mas suponhamos que, por um milagre, a educação moral dos escravos libertados se desenvolvesse de repente e os estimulasse a amar o trabalho. Caso se convertessem em trabalhadores, os negros não demorariam em se ver atormentados pelo desejo de ser proprietários, pela ambição, pela inveja contra os brancos e suas prerrogativas. Sob um regime político constitucional, em um país governado por leis equitativas, não exigiriam participar dessas mesmas instituições? E vós lhes concederíam vossos direitos e vossos privilégios? Fariam deles vossos juízes, vossos generais, vossos ministros? Dar-lhes-iam vossas filhas em matrimônio? Não é isso que queremos, exclamarão os amigos dos negros: que sejam livres, mas que se limitem a trabalhar a terra e a conduzir a cana como bestas de carga²¹.

²⁰ Condessa de Merlin é o pseudônimo de María de las Mercedes Beltrán Santa Cruz y Cárdenas Montalvo y O’Farrill (Havana, 1789 – Paris, 1852), considerada uma das primeiras escritoras de Cuba. Casou-se com o general francês Antonio Merlin, em 1809, como parte da política napoleônica de fomentar matrimônios entre a nobreza espanhola e oficiais do exército de ocupação.

²¹ MANZANO, Juan Francisco. **A autobiografia do poeta-escravo**. Organização, tradução e notas de Alex Castro. São Paulo: Hedra, 2015, p. 128.

Em 1843, a rebelião encabeçada pela negra Carlota²² e um grupo de escravos insurgentes de vários engenhos teve repercussão internacional. A comunicação entre eles era realizada através dos tambores, sinalizando que o trabalho deveria ser interrompido. Aos poucos dias de iniciada a insurreição, apareceu em Havana uma corveta da marinha de guerra dos EUA, a *Vandalia*, a pedido do Encarregado de Negócios de Espanha em Washington, para aplastar a revolta. Carlota, descrita como uma mulher de extraordinários dotes militares e coragem exemplar, lutava descalça, com um vestido surrado e um machete nas mãos. Presa e, ainda viva, foi amarrada a quatro cavalos, tendo morrido, por esquartejamento, em março de 1844.

Entre 1787 e 1841, a população de Cuba passou de 176 mil pessoas para 1 milhão. Na composição racial, os brancos representavam 41,5%, havendo, então, 43,3% de escravos e 15,2% de negros e mestiços livres. Desde meados do século XVIII até 1886, ano da Abolição da Escravatura, mais de um milhão de negros foram levados à Ilha, número expressivo para a população de Cuba na época, desde meados do século XVIII até 1886, ano da Abolição da Escravatura²³. Com as denúncias da africanização da Ilha, os cubanos passaram a defender a colonização europeia, quando perceberam que o tráfico estava mudando o balanceamento entre brancos e afrodescendentes.

A heterogeneidade da população momentaneamente eliminada

As guerras de independência do colonialismo espanhol se configuraram como grandes revoluções sociais e políticas, por seu cunho popular, com exércitos compostos por uma grande número de negros anteriormente escravizados. A primeira, conhecida também como *Guerra de los Diez Años*, teve início na madrugada de 10 de outubro de 1868, quando o proprietários de terras Carlos Manuel de Céspedes convocou seus escravos libertos à luta. Terminou com a capitulação do Exército Independentista às tropas espanholas. Por esta razão, grupos dispersos de patriotas cubanos continuaram lutando durante a maior parte do ano de 1878 e recomeçaram a luta durante a chamada *Guerra Chiquita* (1879-1880).

²² Carlota é o nome da Missão Militar cubana na África. Segundo a expressão popular em Cuba, é como se os ossos e o sangue de Carlota e seus companheiros tivessem se juntado para servir à libertação dos descendentes africanos. A operação começou em 1875 e acabou em 1891, período em que 300 mil cubanos participaram dos embates e 2 mil perderam a vida.

²³ INSTITUTO DE HISTÓRIA DE CUBA. Principales censos de la Isla de Cuba de 1768 a 1879. *In: Historia de Cuba*. La colonia. La Habana: Política, 1994. p. 320-346.

Na etapa de insurgências, o papel preponderante foi do *Ejército Mambí*²⁴, constituído na denominada *República en Armas*, os soldados cubanos foram capazes de se adaptar às mais adversas circunstâncias, porque “*a buen hambre no hay pan duro*”. Devido à falta de provisões, as tropas consumiram plantas selvagens, pois muitos hábitos das populações nativas ainda tinham vigência. O palmito era preparado em salada e constituía uma grande parte da dieta. As sementes silvestres eram usadas como espessantes para as sopas; contra a exaustão, faziam pratos herdados da culinária dos indígenas taínos, com a mandioca como componente básico. No cardápio estavam *casabe, naiboa, yare e catibía*; este último bastante amargo. Daí a frase popular em Cuba: “*deja de comer catibía*”, para recomendar o abandono de práticas equivocadas.

Marcada por disputas entre as grandes potências coloniais, a região foi rota das ideias revolucionárias do final do século XVIII, período em que Cuba estabeleceu-se como peça notória da velha ordem. O pensamento de um grupo social de cubanos, especialmente ligados à Educação, os responsáveis pela formação das raízes do legado pedagógico autóctone cubano, deu origem ao florescimento de uma corrente liberal de pensamento reformista, que exigia direitos frente ao Estado colonial e o fim do regime escravocrata. O intelectual cubano, forjado a partir da modernidade, foi baseado no pensamento científico e inspirado em uma espiritualidade de raízes éticas e culturais cristãs, assumindo com criatividade a sua condição, sem se filiar a nenhuma das escolas estadunidenses e europeias de sua época.

O padre, filósofo, músico, cientista e político cubano Félix Varela (1788-1853) lançou os fundamentos do pensamento independentista, baseado em uma profunda consciência humanista, não apenas aos cubanos ou americanos, mas ao homem como um ser universal, nos quais se inseriam os negros. Com ele, nasceu a tradição do professor lutando na defesa da nacionalidade, fortemente imbricada ao processo educativo cubano. Defensor da extinção da escravidão pela primeira vez em Cuba, em suas aulas Varela discutiu o caráter inalienável dos direitos humanos, a responsabilidade civil e o freio ao poder absoluto. Mais do que demandas estreitas e imediatas, o sacerdote aspirava, ao registrar as vicissitudes de sua época, à emancipação da sociedade e a educação patriótica. Crítico dos males de uma época comandada pelos latifundiários, que pensavam somente em suas caixas de café e sacos de açúcar, o padre combateu o sistema escolástico de educação: “Quanto mais o professor fala,

²⁴ *Mambí* é o termo com que se denominavam os insurgentes contra a Espanha. A mesma expressão, usada no Congo, antes depreciativa, converteu-se em sinônimo de “construtor do futuro”, com o fim do colonialismo.

menos ensina, pois em sua concepção, a glória de um educador é falar pela boca de seus alunos”²⁵.

Como organizador da guerra de independência, dando-lhe uma dimensão anti-imperialista, nunca apresentada, surgiu José Martí (1853-1895), o “apóstolo” nacional de Cuba, homem de pensamento e de ação, a figura cimeira do ideário que os independentistas legaram às futuras gerações. Filho de pais espanhóis, ele iniciou sua participação política escrevendo para jornais contrários ao colonialismo. Em 1869, foi condenado a seis anos de trabalhos forçados, mas passou somente seis meses na prisão, permutando a pena pela deportação à Espanha. Dedicou-se ao estudo do Direito, obtendo, em 1874, o diploma na Universidade de Zaragoza. Entre 1881 e 1895, viveu em Nova Iorque, porém foi no México, na Guatemala e na Venezuela que alcançou o mais alto grau de identificação com a autoctonia da América, até o momento desconhecido a um filho de espanhóis. Influente na intelectualidade hispano-americana no final do século XIX, Martí percebeu que a libertação de Cuba não poderia acontecer sem a união de todos os setores da sociedade. O Partido Revolucionário Cubano, por ele fundado em 1892, assumiu essa bandeira e foi a base da unidade. Nos últimos anos de sua vida, regressou aos EUA, país estrangeiro onde mais tempo viveu, dando continuidade às suas atividades no campo cultural e jornalístico, mas, principalmente, dedicando-se à preparação do regresso à Ilha e da guerra de independência. Em 1895, Martí partiu de Nova York a Cuba para se juntar às tropas insurgentes, mas no dia 19 de maio desse mesmo ano, no vilarejo de *Dos Ríos*, morreu em combate, sem ver concretizado o sonho de sua vida.

Martí concebeu a luta política como um processo de profundas transformações sociais na consolidação da soberania da Ilha, sempre tendo em mente que estes não eram fins em si mesmos, mas, como ele afirmou, faziam parte de uma visão cósmica, indo além da América para alcançar a humanidade. A obra de Martí - um dos precursores do pensamento filosófico em nosso continente - está permeada de características polifônicas, ao emprestar voz ao índio ao afro-americano, realizando importantes críticas à herança etnocêntrica da filosofia europeia contra as possibilidades plurais identificadas nas mesclas presentes na América. Em suas bases, a herança de Martí, um estudioso das culturas pré-colombianas, desmonta o mito

²⁵ GONZÁLEZ SOCA, Ana Maria; REINOSO CÁPIRO, Carmen. **Nociones de sociología, psicología y pedagogía**. La Habana: Pueblo y Educación, 2002, p. 1.

histórico do eurocentrismo e todo o aparato da conquista colonial, rechaçando o argumento apologético, segundo o qual, o colonialismo havia sido o propulsor da incorporação das Américas à História. No pensamento de Martí, “a inteligência americana estava no penacho indígena e quando se paralisou ao índio, se paralisou a América”²⁶.

A guerra de 1895, apesar de ter durado apenas três anos, por seu conteúdo radical, participação massiva do povo e lideranças transcendentais, especialmente de José Martí, superou todos os movimentos de libertação do colonialismo europeu, não apenas em Cuba, mas na América. A heterogeneidade da população de Cuba foi momentaneamente eliminada. Para a grande burguesia de Cuba, esta guerra foi um grave perigo. Para as outras classes, o caminho de um país próprio, uma pátria. Apesar disso, do ponto de vista político, todas as classes sociais do país, de forma ativa ou passiva, repudiavam o regime colonial. A burguesia açucareira cubana, ainda que colaborasse economicamente com a insurreição, estreitava seus contatos com os EUA e os instava a intervir nos conflitos. Depois de 30 anos de lutas, o colapso do colonialismo era iminente. Havia chegado a hora de “encarnar a ação e a história do *ethos* patriótico, iluminado pela poesia e pelo pensamento cubano”²⁷.

As lutas de independência em Cuba começaram em 1868, sob a liderança de um setor minoritário da burguesia *criolla*, expoente do pensamento liberal radicalizado, que incluía o estabelecimento de uma república democrática. O regionalismo, o racismo e o caudilhismo impossibilitaram o alcance dos objetivos estabelecidos. No entanto, foram criadas as bases para forjar a nacionalidade cubana e o acirramento dos conflitos provocou o surgimento de uma consciência nacional.

Em 1898, a situação política precária em Cuba era evidente e os homens imprescindíveis à radicalização do processo, entre eles Martí, foram mortos nos campos de batalha. O país não possuía figuras capazes de assumir as lideranças para concretizar o projeto revolucionário, agora transformado em revolução nacionalista moderada. Faltando apenas ao *Ejército Libertador* cubano colher os frutos de sua vitória, os EUA intervieram na guerra contra a Espanha, impedindo os *mambises* de entrar em Santiago de Cuba, com temor que os “escravos arruaceiros” violassem as mulheres.

Imagem 1 – Hospital de Sangre Mambí

²⁶ ACOSTA, Leonardo. **José Martí: el indio de Nuestra América**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2015, p. 26.

²⁷ VITIER, Cintio. **Ese Sol del mundo moral**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011, p. 42.



Fonte: PADRÓN, Juan²⁸

Com o exército *mambí* dissolvido, o povo foi arrastado à miséria, uma vez que a luta contra o colonialismo não culminou com a vitória, tendo início a República Mediatizada. Com o neocolonialismo, os negros e mestiços desempenharam distintas formas no rol da exclusão social. “A participação maioritária destes nas gestas *mambisas* eclipsou diversos nomes de indiscutível protagonismo”²⁹.

Muitas das razões de queixa dos antigos escravizados eram também partilhadas pelos trabalhadores assalariados brancos. Dezenas de milhares de brancos, tanto cubanos como estrangeiros, permaneceram trabalhando nas principais províncias açucareiras, Matanzas e Santa Clara. A força laboral das grandes propriedades nas décadas de 1880 e 1890, rompeu os padrões de segregação étnica no trabalho rural. Ao mesmo tempo, o trabalho nas fazendas de cana tornou-se cada vez mais sazonal, deixando muitos desempregados na entressafra. O regime de expansão dos latifúndios de açúcar destinava-se a restringir o acesso dos trabalhadores à terra fértil e cultiváveis. Além disso, os salários permaneciam muito aquém dos aumentos no custo de vida, implicando em um desenvolvimento econômico discriminatório. Na ausência de coerção direta, havia uma maior mobilidade física para os trabalhadores das plantações, e menos razões para divisões rígidas entre trabalhadores brancos

²⁸ PADRÓN, Juan. *El Libro Mambí*. La Habana: Ediciones CAIC, 2010.

²⁹ SELLER, Yesenia; HERNÁNDEZ, Penélope, Identidad racial de gente sin historia *In*: PÉREZ, Esther, LUCIRO, Marcel. *Razas y racismo*. La Habana: Editorial Caminos, 2017, p. 131.

e negros. A força de trabalho rural era agora inteiramente interétnica, com os antigos escravos das plantações trabalhando ao lado de imigrantes espanhóis, trabalhadores e cubanos brancos.

Os processos de transculturação na formação da nacionalidade cubana

A edificação da nacionalidade cubana é o produto de acumulações sociais de longa duração e de grande diversidade. De origem multiétnica, o cubano emergiu do desenvolvimento de uma consciência política popular e de sua colocação em prática. A colonização, junto com a propriedade privada, trouxe aos povos originários de Cuba não só a marca da dependência, mas também a imposição cultural, que deixou raízes na construção da nacionalidade até dias recentes. Uma das características fundamentais do sistema colonial hispano-americano na elaboração da *cubanidad* é o regime agrário escravocrata, sob cuja fórmula a economia cubana se voltou à especialização produtiva, baseada no açúcar, um elemento que definirá a estrutura econômica, política e social do país por mais de três séculos. “A *cubanidad* não está somente em um resultado, mas também no processo de formação do povo cubano, desintegrativo e integrativo, nos elementos substanciais colocados em ação, no ambiente em que se opera e nas vicissitudes de seu transcurso”³⁰.

A tomada de consciência de si mesmos, do “*nosotros*”, pelas classes e setores *criollos*, durante o prolongado conflito contra o estado colonial, constituiu um fator dinâmico e consciente na formação da nacionalidade cubana.

A *cubanidad* completa não consiste meramente em ser cubano, por qualquer das contingências ambientais que cercam a personalidade individual e forjam suas condições. São necessárias também a consciência de ser cubano e a vontade de querer sê-lo. Não é suficiente para a *cubanidad* ter em Cuba o berço, a nação, a vida e o porte; ainda falta a consciência³¹.

Assim, na concepção de Ortiz³², é possível argumentar que os primeiros lampejos da *cubanía* estão calcados em uma cultura de resistência, a base de um processo de elaboração ideológica transmitido como herança, que assumiu formas de rejeição ao que é imposto sob forma de castigo e de espoliação. Um dos predicados da *cubanía*, comumente identificável nos cubanos, é a propensão a entrelaçar a trajetória pessoal com a trama social do país. Para

³⁰ RODRÍGUEZ RIVERA, Guillermo. **Por el camino del mar**. La Habana: Boloña, 2006, p. 7.

³¹ ORTIZ, Fernando. Los factores de la cubanidad. **Perfiles de la Cultura Cubana**, p. 1-15, 2002, p. 3.
Disponível em: http://www.perfiles.cult.cu/articulos/factores_cubanidad.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

³² ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: Cátedra. 2002.

expressar o modo pleno do “ser cubano” criou-se o neologismo ortiziano de *cubanía*, inspirado no vocábulo *hispanía* criado por Unamuno³³.

A nacionalidade cubana foi, em primeiro lugar, o resultado de uma prolongada disputa. As relações de poder entre colonizados e colonizadores tiveram um efeito decisivo na conformação do caráter do povo cubano, colocando em relevo a aparência de duas pátrias: a dos *criollos* brancos e a dos *criollos* negros. Cada um dos grupos projetaria o seu patriotismo a partir do pertencimento a uma comunidade étnica: o confronto dos patrícios com as autoridades coloniais lançou as bases à formação do patriotismo branco; do mesmo modo, as insurgências e os levantes que empreenderam os negros e os denominados “mulatos livres” contra o regime escravista criaram as condições à formação do patriotismo negro. Dessa maneira, o sentimento de etnia prevaleceu nas camadas da população *criolla* sobre o sentimento nacional. As relações étnicas se apresentavam não como uma condição além da nacionalidade, mas elemento dentro dela. A discriminação étnica foi consolidada e institucionalizada pelo sistema colonial espanhol para a divisão necessária da sociedade cubana, sendo que o racismo, generalizado e imposto por meios legais e informais, se tornou uma necessidade na dominação. Por um lado, os *criollos* patriotas e a política colonial espanhola, e, por outro, as comunidades de negros livres, simultaneamente, contra o Estado colonial espanhol e o poder dessas elites. A partir da última década do século XVIII e, fundamentalmente, desde 1815, uma consciência filosófica e política mais inflexível foi se formando na Ilha para superar a herança reacionária de determinadas correntes escolásticas. Ao acicatar as forças de desenvolvimento da colônia, como instrumento de prosperidade da metrópole, engendraram-se distintas veemências nas camadas dominantes em Cuba, constituindo as bases objetivas e subjetivas para conformar a nacionalidade.

Nós, os cubanos, devemos concordar com a distinção entre a *cubanidad*, condição genérica de cubano, e a *cubanía*, que é a *cubanidad* completa, sentida, consciente e desejada, a *cubanidad* responsável, a *cubanidad* com as três virtudes, ditas teológicas, de fé, esperança e amor³⁴.

Nesse processo, se situa a transculturação, como princípio que dirige práticas, pensamentos e abordagens epistêmicas. Quando Ortiz³⁵ escreveu que a verdadeira história de Cuba é a história de suas intrincadas transculturações, o cubano começou a ser definido como

³³ UNAMUNO, Miguel de. **Obras completas**. Ed. Manuel García Blanco. Madrid: Escelicer, 1971, p. 1081.

³⁴ ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: Cátedra. 2002, p. 2.

³⁵ ORTIZ, Fernando. **El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco: del fenómeno de la "transculturación" y de su importancia en Cuba**. La Habana: Ciencias Sociales, 1983.

o resultado do processo contínuo e inacabado de uma mistura, síntese e dissociação, do que foi aportado pelos grupos que chegaram à Ilha. A obra antropológica e histórica de Fernando Ortiz³⁶ (1881-1969) é atravessada pela intuição de que as novas formas culturais em Cuba se apoiavam em atos de dominação racial e de classe. As reflexões sobre a identidade cultural tornavam-se mais profundas em função do pertencimento de Ortiz à primeira geração de cidadãos de Cuba independente. Nesse contexto, a sua obra assumiu particular relevância para o estudo dos cruzamentos de cultura na zona atlântica e caribenha.

Escolhemos o vocábulo transculturação para expressar os variadíssimos fenômenos que se originam em Cuba pelas complexas transmutações das culturas que aqui se verificam, sem conhecê-las é impossível entender a evolução do povo cubano, tanto no econômico quanto no institucional, jurídico, ético, religioso, artístico, linguístico, psicológico, sexual e nos demais aspectos de sua vida³⁷.

Nos pilares fundamentais do processo denominado *cubanidad* situam-se as contribuições dos europeus, estadunidenses e africanos. Para Ortiz múltiplas expressões culturais assumiram uma relevância nunca conhecida, durante séculos de marginalização. Segundo o autor, a miscigenação foi facilitada em razão do papel exclusivamente doméstico das mulheres na Espanha. Os colonizadores eram quase todos homens e costumavam amancebar-se com suas servas indígenas e negras, gerando filhos. As misturas espanhola-indígena e espanhola-africana indicam a existência de processos de transculturação, que deixaram traços na nacionalidade cubana. Dessa miscigenação surgiu a *cubanía*, que é a consciência, a vontade e a raiz da pátria, que brotou de baixo, entre as pessoas nascidas e crescidas, sem retorno, nem recuos, com a alma enraizada em Cuba:

Os negros devem ter sentido, não com mais intensidade, porém talvez mais cedo do que os brancos, a emoção e a consciência da *cubanía*. Os casos de retorno de negros à África eram raros. Os negros africanos tinham que prontamente perder a esperança de voltar às suas casas. Em sua nostalgia não puderam pensar em repatriamento ou em descanso ao fim de vida. O *criollo* negro nunca pensou em ser mais do que cubano. O colonizador branco, antes mesmo de chegar a Cuba, já pensava em seu retorno. Se ele veio, foi para voltar rico e talvez enobrecido pela graça real, porque tinha, por sua família, conexões com a Península, sentindo-se por um longo tempo ligado à Espanha³⁸.

³⁶ A obra antropológica e histórica de **Fernando Ortiz** (1881-1969) é atravessada pela reflexão de que as novas formas culturais em Cuba, que se apoiavam em atos de dominação racial e de classe. As reflexões sobre a identidade cultural tornavam-se mais profundas em função do pertencimento de Ortiz à primeira geração de cidadãos de Cuba independente..

³⁷ ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: Cátedra. 2002, p. 14.

³⁸ ORTIZ, Fernando. Los factores humanos de la cubanidad. **Perfiles de la Cultura Cubana**, p. 1-15, 2002, p.14. Disponível em: http://www.perfiles.cult.cu/articulos/factores_cubanidad.pdf . Acesso em: 10 jan. 2022.

Para Ortiz, o conceito de transculturação apreende o enredamento das correntes, que haviam circulado desde o século XV através do Atlântico e dos três continentes com os respectivos povos, em cruzamentos simbólicos e materiais. A complexidade da transculturação envolve câmbios qualitativos da cultura, substituindo termos mais limitados como aculturação ou osmose de cultura. Os africanos de etnias diversas procedentes de muitas regiões, desde o Senegal, Guiné, Congo e Angola, com suas culturas destroçadas, foram transplantados ao mundo nas correntezas humanas, que chegaram a Cuba, esporádicas ou contínuas, originais dos mais variados lugares.

Em 1940, o antropólogo utilizou, pela primeira vez, a comida típica cubana - o *ajiaco* - como imagem metafórica da identidade nacional. *Ajiaco*, prato popular na mesa da família cubana, tem um valor identitário especial, pois simboliza a cultura de formação do povo cubano por antonomásia. O *ajiaco* é produzido com uma mistura de carnes picadas, imersa em molho com manteiga, cebola, alho, tomate, salsa, pimenta, sal, pimentão e limão. A abóbora deve ser triturada em uma argamassa, onde são colocados milho, mais a mistura de legumes, chamados em Cuba por *viandas*: cará, batata doce e mandioca.

Da culinária, emergiram as principais ideias, que conformaram a definição da transculturação. Respondendo à própria pergunta retórica – “O que é a *cubanidad*?”-, Ortiz³⁹ cunhou a expressão: “Cuba é um *ajiaco*”. Para ele, o guisado mais complexo da Ilha poderia funcionar perfeitamente como metáfora da identidade nacional. A mestiçagem ou a *mulatez*, como nomeia Ortiz, é o fenômeno histórico-social por meio do qual foi tecida a *cubanidad*, a partir de múltiplos elementos provenientes de outras partes do mundo, que se acercaram para dar sabores ao denso caldo cubano.

Entretanto, quem contribui à formação desta mescla? Os elementos procedentes das distintas culturas são básicos no caldeirão dos trópicos fundadores da *cubanía*, em uma “solidariedade cultural”. O característico de Cuba é o “cozimento”, um processo de transformação permanente dos produtos na panela aberta, sob fogo dos trópicos, para compor o *ajiaco*, de procedência indígena, espanhola e africana.

Todos esses fatores implicam um pensamento dialético de intrincados elementos emocionais, intelectuais e volitivos. Mas quais as culturas que se tornaram fundantes em Cuba? Toda a escalada cultural, que na Europa ocorreu em mais de quatro milênios, em Cuba

³⁹ ORTIZ, Fernando. Los factores humanos de la cubanidad. **Perfiles de la Cultura Cubana**, p. 1 - 15, 2002, p. 3. Disponível em: http://www.perfiles.cult.cu/articulos/factores_cubanidad.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

foi experimentada em menos de quatro séculos. O que restou à composição da nacionalidade? Como salienta Barnet⁴⁰ os cubanos, a todos os espanhóis, dizem galegos. Então, desde a chegada dos galegos, todos aportaram à composição da identidade cubana a sua significativa parcela, como algo inefável, que completa a condição de nação, de coexistência e até de cultura.

Os *cimarrones* desceram das montanhas

Durante o século XVI, a palavra *cimarróm* servia para nomear tudo o que era silvestre ou selvagem. Na *Hispaniola*, *cimarrón*, originalmente, referia-se ao gado doméstico que havia escapado para as montanhas e, logo depois, aos escravos índios que logravam libertar-se das atrocidades dos colonizadores. No final da década de 1530, passou a referir-se aos fugitivos de origem africana. A história do processo de *cimarronaje* é a história de insurgências ousadas e sucessivas, guiadas pelo desejo de liberdade.

Ao ser abolida a escravidão, os *cimarrones* cubanos desceram das montanhas e tentaram retornar ao convívio com o povo, no entanto, a apreensão, a desconfiança e o medo os acompanhavam. A escravidão continuava, até porque a condição social dos escravizados, após a abolição, não os deixava esquecer da experiência traumática. Libertos, ironicamente, não estavam livres, porque continuavam cativos pelos mesmos senhores de engenho e muitas vezes trabalhando em troca de abrigo e comida, em condições inumanas, confinados nos mesmos barracões. Os únicos trabalhos que os negros conseguiam eram pesados e extenuantes, explorados pelas elites. Alguns eram vendedores ambulantes de alimentos, inspirados na culinária *criolla*, que nasceu durante o século XVIII e se consolidou no século XIX, como um fenômeno social da época. Além da discriminação explícita, os negros recém libertos viam-se em um círculo de completa impossibilidade de ascensão social. Os homens antes escravizados eram, neste contexto, marginalizados pela sociedade cubana:

Não havia um advogado negro, porque diziam que os negros não eram nada mais do que bons para os campos. Não havia um professor negro. Tudo era para os brancos espanhóis. Mesmo os *criollos* brancos foram jogados de lado. Um guarda noturno, a única coisa que fazia era andar, contar a hora, porém para desligar o pavio, tinha que ser espanhol. E assim era tudo. Não havia liberdade⁴¹.

⁴⁰ BARNET, Miguel. **Cubanidad y Cubanía**. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/especiales/2017/08/08/cubanidad-y-cubania-2/> 8 de agosto de 2017. Acesso em: 2 jan. 2022.

⁴¹ BARNET, Miguel. **Biografía de un cimarrón**. B. Aires: Centro Editor de América Latina, 1977, p. 98.

A Revolução Haitiana (1791-1804) foi premonitória, provocando nos extratos dominantes em Cuba um estado de alerta contra qualquer experiência de radicalização emancipadora. A burguesia cubana assumiu uma atitude antinacional e racista desde o seu nascimento. A apreensão e o medo originaram-se da rebelião escrava sem precedentes, com a expulsão dos franceses de seus domínios mais prósperos, por libertar todos os cativos e formar uma república comandada por negros. Os escravistas eram acometidos por profundo pavor, quando circulavam as notícias de uma possível expedição rumo a Santiago de Cuba, partindo do Haiti. Apelando ao ódio racial, as narrativas de negros rebelados procuravam guardar a ordem, desencorajar a livre-arbítrio como pauta política e as revelações contra os horrores da escravidão. Em toda a América, os negros concebiam a barbárie e eram incivilizados e satânicos. “A resposta dos colonialistas era afogar em sangue qualquer tentativa de libertação dos escravos”⁴².

Uma importante consequência da rebelião haitiana que levou à destruição da colônia francesa de Saint Domingue foi a dispersão de seus antigos senhores de terras por outras regiões. Os escravistas da colônia destruída migraram para diferentes partes das Américas, como Martinica, Jamaica, Porto Rico e, principalmente, Cuba. O cauteloso entendimento entre cubanos, espanhóis e estadunidenses tinha um ponto comum de inquietação: a presença de negros em Cuba. Os conflitos raciais culminaram com o *Masacre de los independientes de Color* em 1912, onde foram assassinados aproximadamente 5 mil negros, na região oriental da Ilha. O forte racismo e o plano independentista hegemônico pela intervenção militar estadunidense não garantiam a integridade das demandas sociais dos afro-cubanos. Com a repressão a este movimento, celebrada pela imprensa e pelas principais figuras políticas na época, o mito da igualdade racial ficou sem apoio popular na Cuba republicana.

O projeto nacional defendido pelos setores da burguesia *criolla* fomentou o ideal racista de branqueamento da população através de incentivos à imigração europeia. Depois dos eventos na colônia vizinha, as elites aprenderam a urgência em transformar sua política com mudanças que apontavam uma maior abertura aos negócios, de forma que os proprietários locais passassem a contar com a proteção de um Estado forte. Somente nas duas

⁴² CUPULL, Adys; GONZÁLEZ Froilán. **Mariana**: Raiz da alma cubana. La Habana: Casa Editora Política, 2017, p. 15.

primeiras décadas da república, a população da Ilha praticamente dobrou, atingindo a casa dos três milhões. Um número significativo de espanhóis conformou um fluxo migratório, que criou as condições para a exploração de seu trabalho na indústria agrária exportadora. Ainda no século XIX, os casamentos efetuados entre membros do exército da Espanha e *criollas*, apararam arestas das diferenças culturais e políticas. Ao terminar a guerra, para não serem repatriados, soldados e oficiais se escondiam, revelando que para muitos Cuba não era um território inimigo.

No umbral de uma época de profundas transformações, com o advento da república mediatizada, os cubanos se apropriaram de formas alternativas na busca de sua autodeterminação. Muitos dos alicerces da *cubanía* foram montados no encontro de Cuba com os vizinhos ao Norte. A migração, ao longo de sucessivas gerações, de todas as classes sociais e idades, de homens, mulheres, crianças, negros e brancos contribuíram à formação da identidade cubana. Depois da intervenção dos EUA, em 1898, as aspirações hegemônicas na Ilha, situada a menos de 200 quilômetros ao sul do estado da *Florida*, não se exerceram em função somente do controle político e da dominação militar, mas sob formas não coercitivas, a miúdo introduzidas tanto por cubanos como estadunidenses.

A influência cultural se metabolizou por dentro, nas atividades cotidianas, no interior das escolas, nos programas educacionais, nos modelos de vida social, na linguagem, na forma de vestir, na religião, nos esportes e na recreação, muitas vezes de maneira voluntária. O poder de dominação residia precisamente na capacidade de assumir uma aparência de normalidade para influenciar os padrões aos quais, de maneira mais acentuada, as classes mais abastadas aspiravam. Por suposto, esses métodos não poderiam ser impostos desde fora, mas vieram ao encontro da vontade dos cubanos por transformarem-se. Em que pese o predomínio do uso da força como método de domínio, por fim, tudo indica que a coerção teve um papel secundário e contraproducente no contexto, que visava sustentar a hegemonia norte-americana. Para Ortiz⁴³:

De acordo com o pêndulo de nossa história, o cubano se afasta ou se move emocionalmente ao foco do grande vizinho. Agora o contato está quente novamente com o norte-americano. Há quem de manhã seja anexionista e à tarde abomine o Tio, segundo baixe ou suba a cotação do açúcar, que é o termômetro do patriotismo para seus espíritos em *almíbar*⁴⁴.

⁴³ ORTIZ, Fernando. Los factores humanos de la cubanidad. **Perfiles de la Cultura Cubana**, p. 1-15, 2002, p. 13. Disponível em: http://www.perfiles.cult.cu/articulos/factores_cubanidad.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁴⁴ *Almíbar* é a receita cubana que permite adoçar as sobremesas, composta de água e de açúcar. Por razões

Na Ilha, é corrente a ideia de que Cuba não teve mãe. Teve uma madrastra, a Espanha, e depois de 1902, um tio, responsável pela educação da criança rebelde e negra. No decorrer dos tempos, já na adolescência, as características que o Tio vira anteriormente no menino iam se arrefecendo, em um processo de branqueamento do corpo.

Em um determinado momento, os sistemas normativos estadunidenses, com ênfase no mercado e no consumo, se debilitaram o suficiente para os cubanos reexaminarem os atrativos da cultura, que se revelava a cada dia mais incapaz de satisfazer as suas aspirações. A incerteza criada em um contexto de ilegitimidade dos governos cubanos da primeira metade do século XX contribuiu para minar as instituições neocoloniais.

O uso explícito da violência ocasionava frequentemente reações de resistência ao neocolonialismo, que se acirraram depois de 26 de julho de 1953, com o ataque ao Quartel Moncada, em Santiago de Cuba, sob o comando de Fidel Castro. “Desviada em seu desenvolvimento, que as dificuldades não puderam anular, como demonstrou o processo iniciado em Moncada, recuperaram-se as tradições de lutas do século XIX”⁴⁵.

O movimento revolucionário se apresentou como a regeneração dos sentimentos pátrios presentes na construção da nacionalidade, razão pela qual os seus dirigentes sempre tendem a demonstrar que a gênese da Revolução Cubana é a mesma do ideário de Martí.

A construção da sociedade cubana cresceu no seio das insurgências, nas marcas distintivas da *cubanía*, em seu sentido ético, como Ortiz definiu ao longo de sua obra. Entretanto, essa trajetória não é linear, não está livre de retrocessos, rupturas e sobressaltos.

Os insurgentes no poder e as (im)possibilidades de transformações

A Revolução Cubana começou em 1º de janeiro de 1959, com a vitória dos guerrilheiros? Ou teve início em 1953, quando do assalto ao Quartel Moncada? Ou ainda nas guerras de independência, quando os senhores de terras libertaram os escravos para formar o exército *mambí*? Respondendo a estas indagações, alguns historiadores defendem que o movimento revolucionário começou em 1511, quando o cacique Hatuey e um grupo de seguidores, perseguidos pelos espanhóis, partiram em canoas da vizinha Hispaniola, para

⁴⁵ históricas, os cubanos têm um paladar extremamente adocicado.
HART DÁVALOS, Armando. **Marx, Engels y la condición humana: una visión desde Cuba**. La Habana: Ciencias Sociales, 2005, p. 142.

assentar-se em Maisí, junto à desembocadura do Rio Toa, em Guantánamo. O histórico insurgente organizou o campo de lutas, dividindo os seus homens em grupos munidos de flechas, pedras e paus contra os colonizadores, que dispunham de armas de fogo, armaduras e cães farejadores. Traído por um dos indígenas que o acompanhava desde *La Española*, Hatuey, considerado herege, foi julgado em 2 de fevereiro de 1512, sendo queimado vivo, de acordo com Bartolomé de las Casas. Entretanto, rechaçou a extrema união, quando soube que seria enviado ao mesmo céu de seus verdugos. Muitos simbolismos, inclusive a estátua erguida em Baracoa, a *Ciudad Primada de Cuba*, o proclamam como o “primeiro rebelde da América”⁴⁶.

Com o vitória no movimento revolucionário cubano, massa vilipendiada, que havia estado confinada à marginalidade, aplacada aos espaços que a burguesia lhes destinava, excluída da educação e do refinamento, emergiu para assumir os cargos de responsabilidade e se tornar protagonista de uma nova etapa societária na Ilha. Eram os *pobres de la tierra*⁴⁷ do legado martiano, o retrato acabado da incultura, miseravelmente remunerados, que foram adquirindo uma dimensão humana com as reformas produzidas em Cuba, mortíferas aos interesses das classes abastadas. A luta tinha um significado diferente para cada pessoa.

Imagem 2 – Martírio do Cacique Hatuey



⁴⁶ ROURA ÁLVAREZ, Lisette et al. **Indios de La Habana**. Ciencias Sociales, 2017.

⁴⁷ Martí não utilizava expressões como obreiros, trabalhadores ou proletários. Menciona termos como a pobreza e o desamparo, fato que situa os pobres da terra abaixo dos degraus, até mesmo das classes sociais.

Fonte: <https://www.zinnedproject.org/news/tdih/hatuey/>

A imagem de uma ilha, popular e corajosa, que soube enfrentar seus principais inimigos, foi amplamente veiculada no mundo e ajudou a forjar na população um posicionamento irreduzível, o que fez de Cuba uma nação apta para enfrentar os opositores de fora e de dentro. Por suposto, não se tratava apenas de uma ideia nova, porque a imersão em um processo revolucionário radical trouxe à tona as virtudes dos cubanos de rechaço à opressão, enquanto a cultura *plattista*⁴⁸ sofria um retrocesso vertiginoso. Em uma escalada ascendente, haveria o renascimento do orgulho autóctone e para as forças progressistas da América, a Revolução Cubana era quase uma redenção. Ao derrotar a tirania, com um grande custo humano, os *isleños* tinham um novo sentido de liberdade e de dignidade.

Pela primeira vez em Cuba os *de abajo* assumiram o papel de protagonistas da história do país, comprometidos com a nova realidade que se abria. Esta abertura teve como um de seus emblemas básicos a homogeneização de distintos estratos sociais convocados à construção de uma nova sociedade. Os mais variados insurgentes, em muitas ocasiões ao longo de quatro séculos de colonialismo e neocolonialismo, haviam manifestado o rechaço à inoperância dos discursos e das oposições institucionalizadas e legais.

A partir de 1959, criou-se uma situação de contato interracial, que buscava neutralizar a habitual discriminação e a superação classista. Contudo, a declaração de igualdade política e social esteve carente, desde seu início, de uma melhor elaboração analítica do ponto de partida, que conduziu a manutenção de comportamentos grupais associados à posição de marginalização. Um fator de considerável influência se situa nas escassas investigações sobre os problemas raciais em Cuba, paralelamente à ideia de uma *cubanidad sin manchas*, até a década de 1980, quando teve início a produção relativa às “perspectivas raciais” ou ao “tema racial”, meio que contornando a problematização da questão concreta: a da negritude. As pesquisas atuais assinalam o deslocamento do eixo da discriminação aberta e ativa para o reconhecimento de desvantagens sociais, sentimentos de exclusão por parte de alguns grupos, apesar das políticas promulgadas pela Revolução. Segundo pesquisa de Seller e Hernández⁴⁹,

⁴⁸ O termo *plattista* relaciona-se à Emenda Platt e à aceitação dos marcos impostos pelo neocolonizadores. Em 1901 esta emenda oficializou o direito a intervenções militares e a autorização para arrendar as terras às bases navais em Cuba.

⁴⁹ SELLER, Yesenia; HERNÁNDEZ, Penélope, Identidad racial de gente sin historia In: PÉREZ, Esther, LUCIRO, Marcel. **Razas y racismo**. La Habana: Editorial Caminos, 2017, p. 138.

“um dos resultados de maior impacto neste estudo é referente à alarmante falta memória histórica que o os negros aportaram à nação”.

Outra questão, igualmente relevante, são as investigações sobre as sobrevivências etnoculturais indígenas no leste da Ilha que, em razão dos preconceitos herdados do colonialismo, fizeram com que os remanescentes dos povos originários fossem, em parte, esquecidos na história cubana. Os taínos, habitantes pré-colombianos do Caribe, não desapareceram de Cuba com a chegada dos espanhóis à Ilha . Ulloa Hung⁵⁰ aponta o conjunto de estudos multidisciplinares em que se demonstra, com evidências, a presença de alguns grupos humanos descendentes diretos dos taínos. Composto por um coletivo de autores, a investigação oferece uma perspectiva atualizada do legado arqueológico cubano, pouco explorado dentro das narrativas históricas e dos estudos culturais. A herança histórica dos primeiros habitantes da Ilha é analisada a partir de dados e informações, que se destacam por sua diversidade de componentes presentes, como os aspectos de composição genética e linguística, manifestações estéticas, usos da flora e da fauna, instrumentos de cura e elementos de sociabilidade, entre outros.

Imagem 3 - Presença viva dos aborígenes em Cuba



Fonte: Red de Oficinas del Historiador y del Conservador de Cuba

⁵⁰ ULLOA HUNG, Jorge. **Cuba**: Arqueología y Legado Histórico, Ediciones Polymita SA. Ciudad de Guatemala, 2018.

<https://www.prensa-latina.cu/2021/10/20/escaner-huella-viva-de-los-aborigenes-en-cuba-fotos-video>.

Ainda que alguns historiadores falem da extinção dos taínos, outros defendem que milhares de indígenas sobreviveram nas áreas montanhosas ou se mesclaram aos espanhóis e africanos, o que não é o mesmo que extinção. Ao contrário do que diziam vários livros, eles não foram exterminados, mas subiram as serras para uma existência marcada indistintamente pela adaptação, sobrevivência e isolamento. Assim, a miscigenação é tripla, não se tratando de pureza racial ou cultura “congelada”. Segundo estimativas recentes, há cerca de 1800 descendentes de indígenas no país, agrupados em cerca de 300 famílias, nas colinas da parte mais oriental de Cuba. Vários documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII indicam a presença indígena em Cubitas, Batabanó, Yara de Baracoa, Yara de Bayamo, Jiguabo, Yateras, San Luis de los Caneyes, Camagüey e outros lugares.

Com uma fecunda abordagem teórico-metodológica, José Juan Arrom⁵¹ realizou uma série de pesquisas acadêmicas sobre os termos remanescentes da língua taína, comparando-os com o “legítimo” idioma Arawak e com as sobrevivências linguísticas de origem indígena. Como exemplo é possível citar o estabelecimento de moradia, o *batey* como forma de concentração humana, embora hoje esteja associado às zonas açucareiras, mas originalmente tinham reminiscências indígenas, servindo de espaços de transculturação. Assim como o *bohío*, que é um cabana feita de elementos simples, como ramos e canas, típico de assentamentos dos taínos. A origem indígena de ambas denominações ecoam vozes pertencentes à família araucana. Como destaca o Arrom, as línguas refletem e moldam o modo de pensar das pessoas que as falam. No caso da língua dos taínos, obliterada há quase cinco séculos e pouco estudada desde então, resta muito pouco dela. Contudo, fazendo um esforço para coletar e analisar seus rastros dispersos, ainda podemos vislumbrar processos do pensamento dos aborígenes das ‘Índias Ocidentais’ através das palavras que eles nos deixaram.

Algumas considerações

Em Cuba há numerosos estudos dos fundamentos teóricos e históricos sobre etnias, raça, racismo e os efeitos do processo de colonização na cultura e na educação, mas talvez

⁵¹ ARROM, José Juan. 1989. "La lengua de los taínos: aportes lingüísticos al conocimiento de su cosmovisión". In: VV. AA., **La cultura taína**. Madrid: Sociedad Estatal Quinto Centenario, Colección Las culturas de América en la época del descubrimiento, 1989.

insuficientes para se contrapor a séculos de apagamento das questões étnicas, tanto no tocante às pesquisas sobre a presença viva dos remanescentes taínos, assim como nos processos de inclusão dos negros. Para grande parte da população, as imagens estereotipadas consideram os indígenas como ‘coisas do passado’, como ‘primitivos’, crendo que as suas culturas seriam incompatíveis com a existência de um mundo moderno, que eles não contariam para o futuro, já que são vistos como etnias totalmente exterminadas. A constituição da figura indígena tem características distintivas, como o uso das tangas, do arco e da flecha. Este pensamento é fruto de construções ideológicas impostas pelos invasores para legitimar a história de trabalho escravo e servil, alicerçadas durante os séculos XVI e XVII, com o objetivo de justificar as mais variadas formas de violência contra os povos originários. “Entretanto, o indígena, transformado em ‘índio’ pelos atos da desculturação espanhola e por imposição da sobrevivência, permaneceu”⁵².

Como formação ou deformação, as representações instrumentalizam um cenário histórico, que inclui os povos nativos, mas cristalizados no passado, na herança cultural, que tem alguns reflexos visíveis na culinária e em palavras da língua falada em Cuba. É muito presente o discurso: “quando falamos ‘cubano’ estamos usando o idioma dos taínos”. Também faz parte das narrativas a lembrança do Cacique Habaguanex, o qual, supostamente, deu nome à capital de Cuba. Ele governaria um extenso território na costa norte ocidental, antes da chegada de Colombo, ainda que faltem evidências históricas do seu estabelecimento na cidade de *La Habana*. Apesar do respeito e do reconhecimento notório à valentia dos insurgentes, que resistiram aos colonizadores, a visão predominante é que os índios, despossuídos de saberes mais elaborados, pertencem a culturas ‘atrasadas’ exterminadas no passado.

Em Cuba, as múltiplas expressões culturais da África assumiram relevância, nunca antes reconhecida durante séculos da marginalização, após a revolução vitoriosa no ano de 1959. São muitas as evidências pela busca de inclusão na sociedade e de consolidação do acesso aos bens educativos, que permitiram não a poucos negros alcançar uma emancipação social significativa. A massa vilipendiada, que havia estado confinada à marginalidade, aplacada aos espaços que a burguesia lhes destinava, excluída da educação e do refinamento, emergiu para se tornar protagonista de uma nova etapa societária na Ilha. As políticas sociais de corte universalista, como a educação e a saúde, com grandes conquistas, passaram a

⁵² ROURA ÁLVAREZ, Lisette et al. **Indios de La Habana**. La Habana: Ciencias Sociales, 2017.

constituir uma referência para a região caribenha. Consequentemente, os olhares lançados às questões étnicas das décadas atuais são distintos dos perpetrados até os anos 1950. A *Universidad de las Artes*, que abriu suas portas em 1976, outrora foi “seleto” *Country Club*, inaugurado no ano de 1910. Em 1933, convertido em *Havana Biltmore Yacht*, reunia cerca de 3000 membros, a maioria absoluta pertencente a elite branca cubana e estadunidense. Ainda que Fulgencio Batista fosse o presidente de Cuba e sócio honorável, sua entrada ao clube era dificultada, por ele ser negro.

A socióloga cubana Yeisa Sarduy Herrera⁵³, recorrendo à teoria das representações sociais, afirma que a noção de raça mais generalizada se configura em termos da cor da pele, segundo pesquisas publicadas em Cuba pela Fundação Fernando Ortiz⁵⁴. Para o antropólogo cubano Pablo Rodríguez Ruiz., existe um tipo de racismo, como herança discriminatória colonial configurado historicamente, convertendo-se cada vez mais no que ele chama de "racismo do porém", porque as pessoas dizem: "eu não sou racista, porém...". Para Rodríguez Ruiz, a Revolução Cubana nasceu com um propósito igualitário, que condenava qualquer discriminação, estigmatizando o racismo e o racista, mas as medidas tomadas não resultaram em sua eliminação. Ainda, segundo este pesquisador, o racismo se escondeu, apenas buscou suas maneiras de se expressar. Configura-se, portanto, uma dinâmica que permite a criação de novas formas e a refuncionalização de desigualdades raciais de caráter histórico, não superadas.

No plano social cubano, uma das expressões concretas do racismo ocorre nas áreas de desigualdades acirradas, que foram sendo acumuladas nas últimas décadas. Cabe destacar, ainda, que a partir dos anos de 1990, os crescentes problemas econômicas na Ilha geraram a formação de grupos em desvantagem social, em função da diferença de rendimentos entre os vários setores da população. As dificuldades foram determinadas, em primeiro lugar, pela guerra econômica contra Cuba, que perdura por mais de 60 anos, impedindo em grande medida a produção eficiente e o incremento da oferta de produtos. Segundo, pelos erros de planejamento, que exacerbam o déficit de componentes essenciais, sobretudo na área alimentícia.

⁵³ HERRERA, Yeisa Sarduy. "O problema racial se resolverá quando se destruírem a negrura do negro e a brancura do branco". *Entrevista* com o Pablo Rodríguez Ruiz. *Sociologia & Antropologia [online]*. 2017, v. 7, n. 1, p. 269-282. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752017v7111>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁴ RUIZ, Pablo Rodríguez *et al.* **Las relaciones raciales en Cuba**. Colección Cuba en Revolución. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 2011.

Contudo, é possível identificar, de um lado, elementos que sinalizam a robustez de valores no sistema vigente na Ilha, não obstante a presença concreta de ameaças à sua manutenção, e, do outro, a inquietação quanto ao futuro. No decorrer de quatro gerações de cubanos, é notória a conquista do direito de todos ocuparem um espaço social, em um ambiente que se aproxima ao fraterno, ainda que a somatória destes fatos não possa ser interpretada como uma “obra acabada”.

Referências

ACOSTA, Leonardo. **José Martí: el indio de Nuestra América**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2015

ARROM, José Juan. 1989. "La lengua de los taínos: aportes lingüísticos al conocimiento de su cosmovisión". In: VV. AA., **La cultura taína**. Madrid: Sociedad Estatal Quinto Centenario, Colección Las culturas de América en la época del descubrimiento, 1989.

BARNET, Miguel. **Biografía de un cimarrón**. Buenos Aires: Editor de América Latina, 1977.

BARNET, Miguel. **Cubanidad y Cubanía**. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/especiales/2017/08/08/cubanidad-y-cubania-2/> 8 de agosto de 2017. Acesso em: 2 jan. 2022.

BUENAVILLA RECIO, Rolando *et al.* **Historia de la pedagogía en Cuba**. La Habana: Pueblo y Educación, 1995.

BUENAVILLA RECIO, Rolando *et al.* **La lucha del pueblo por una escuela cubana, democrática en la República Mediatizada**. La Habana: Pueblo y Educación, 1995.

CASTRO RUZ, Fidel. **Un grano de maíz**. Conversación con Tomás Borge. La Habana: Oficina del Consejo de Estado, 1992.

CUPULL, Adys; GONZÁLEZ Froilán. **Mariana: Raíz da alma cubana**. La Habana: Casa Editora Política, 2017.

GONZÁLEZ SOCA, Ana Maria; REINOSO CÁPIRO, Carmen. **Nociones de sociología, psicología y pedagogía**. La Habana: Pueblo y Educación, 2002.

HART DÁVALOS, Armando. **Marx, Engels y la condición humana: una visión desde Cuba**. La Habana: Ciencias Sociales, 2005.

HERRERA, Yeisa Sarduy. "O problema racial se resolverá quando se destruírem a negrura do negro e a brancura do branco". **Entrevista** com o Pablo Rodríguez Ruiz. *Sociologia &*

- Antropologia [online]. 2017, v. 7, n. 1, p. 269-282. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752017v7111>. Acesso em: 10 jun. 2022
- INSTITUTO DE HISTÓRIA DE CUBA. Principales censos de la Isla de Cuba de 1768 a 1879. *In: Historia de Cuba*. La colonia. La Habana: Política, 1994.
- MANZANO, Juan Francisco. **A autobiografia do poeta-escravo**. Organização, tradução e notas de Alex Castro. São Paulo: Hedra, 2015.
- MORENO FRAGINALS, Manuel. Aportes culturales y deculturación. *In: PÉREZ, Esther, LUCIRO, Marcel. Razas y racismo*. La Habana: Editorial Caminos, 2017.
- ORAMAS CAMERO, Ángela. **Los primeros europeos vecinos de La Habana**. Disponível em: <https://www.cubaperiodistas.cu/index.php/2018/07/los-primeros-europeos-vecinos-de-la-habana/> Acesso em: 18 fev. 2022
- ORTIZ, Fernando. Los factores de la cubanidad. **Perfiles de la Cultura Cubana**, p. 1-15, 2002. Disponível em: http://www.perfiles.cult.cu/articulos/factores_cubanidad.pdf . Acesso em: 10 jan. 2022.
- ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: Cátedra. 2002.
- PADRÓN, Juan. *El Libro Mambí*. La Habana: Ediciones CAIC, 2010
- RODRÍGUEZ RIVERA, Guillermo. **Por el camino del mar**. La Habana: Boloña, 2006.
- ROURA ÁLVAREZ, Lisette et al. **Indios de La Habana**. La Habana: Ciencias Sociales, 2017.
- RUIZ, Pablo Rodríguez *et al.* **Las relaciones raciales en Cuba**. Colección Cuba en Revolución. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 2011.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.
- SELLER, Yesenia; HERNÁNDEZ, Penélope, Identidad racial de gente sin historia *In: PÉREZ, Esther, LUCIRO, Marcel. Razas y racismo*. La Habana: Editorial Caminos, 2017.
- ULLOA HUNG, Jorge. **Cuba: Arqueología y Legado Histórico**. Ciudad de Guatemala, Ediciones Polymita, 2018.
- UNAMUNO, Miguel de. **Obras completas**. Ed. García Blanco. Madrid: Escelicer, 1971.
- VITIER, Cintio. **Ese Sol del mundo moral**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011.